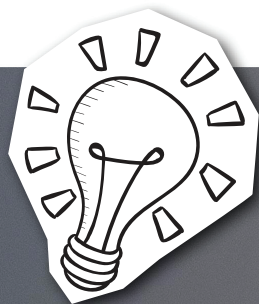


EDUCAÇÃO PÓS PANDEMIA

UM GUIA PARA DESAFIAR AS ESCOLAS



+DE 60 TESTEMUNHOS
COM IDEIAS, SOLUÇÕES E ESTRATÉGIAS
PARA TRANSFORMAR AS ESCOLAS!



Índice

Prefácio.....	4
Introdução	7
1. Uma oportunidade para repensar a escola	9
A pandemia, nós e a escola	10
Agir devagar, em largura e em profundidade.....	12
A reinvenção da escola	14
num contexto pós pandêmico.....	14
Agir na Educação	17
Olhar o Futuro da Escola com Esperança.....	21
Círculos de aprendizagem	24
A crise, uma oportunidade de mudança para as escolas.....	26
Síntese	29
2. Escola-Comunidade.....	30
Aquém e Além Portões	31
O relato de uma escola sobre o E@D	33
O Eu, o Outro e Nós na Educação	37
Bem-estar docente	40
Uma Experiência Única	42
Vivências de uma pedopsiquiatra em tempos de confinamento	44
Aprender + em contexto de confinamento:	
o contributo da mediação na inclusão e sucesso numa escola de todos e para todos	46
A experiência do Programa Escolhas ao nível da educação no âmbito da pandemia da COVID- 19	49
Abrir a Escola à Família	52
A cidadania da Palavra	55
Síntese	56
3. Escola de Afetos e Relações.....	57
As oportunidades e desafios no pós-pandemia	58
Cuidar das crianças	60
Sonho com um mundo melhor!	62
A vida ficou entre parêntesis	65
As oportunidades para além da crise	68
Os 4 Cs do Autocuidado e do Sucesso Escolar.....	72
Quando um problema vira uma oportunidade	75
Nada será como dantes.....	78
Síntese	79
4. Práticas Centradas nos Alunos	80
Uma oportunidade assíncrona.....	81
Um investimento estratégico na educação.....	83

Novos contextos pedagógicos.....	86
Responder com urgência.....	88
Um acontecimento ditador de mudança	90
Educar em Tempos de Cólera.....	91
A pedagogia atingindo o seu auge.....	94
Dar feedback formativo – o motor da aprendizagem.....	96
Os jovens contribuem para pensar a Educação	98
Síntese	100
5. Diversificação pedagógica, preparação para a vida	101
Ensino e aprendizagem não presencial	
– a experiência do confinamento e o que devemos mudar.....	102
Um portefólio de competências	104
Da estratégia à solução	106
(Re)Pensar o ensino, (re)criar práticas	108
Parar para pensar	111
A capacidade de adaptação à mudança.....	114
O aluno inteiro	115
Programa PMI Portugal nas Escolas - Contribuir para a educação do futuro através da linguagem universal da gestão de projetos.....	117
Da fadiga digital à aprendizagem informal com jogos de tabuleiro modernos	119
As certezas de hoje não são (com toda a certeza) as de amanhã	121
Síntese	122
6. A tecnologia, potenciadora de novas práticas pedagógicas	123
Como será a Escola depois do Covid-19?	124
Repensar a Escola: uma necessidade com oportunidade.....	126
As tecnologias na escola pós pandemia	129
As oportunidades de uma boa crise	132
O futuro será a aprendizagem híbrida?.....	134
Escola, uma aldeia digital	137
Escola mais inclusiva, equitativa e colaborativa.....	139
Uma ponte entre o Ensino e a Tecnologia	141
Confinamentos e Alunos capazes de Criar, Colaborar e Comunicar.....	142
Síntese	145
7. Uma oportunidade para todos.....	146
Aprender, uma das aprendizagens mais entusiasmantes da vida.....	147
Educação: o programa não segue dentro de momentos... ..	149
Impacto da pandemia nas crianças e jovens – projeto Barra.....	151
Poderá esta ser a oportunidade para garantir o pleno desenvolvimento de todas as crianças?.....	154
Visões e perspetivas sobre o impacto da pandemia na educação.....	156
E depois da pandemia? Uma escola em tempos de mudança... ..	159
A educação antirracista nas escolas portuguesas.....	161
Síntese	164
Conclusão.....	165

A reinvenção da escola num contexto pós pandémico

É recorrente o discurso da necessidade de reinvenção da escola, dado o seu esgotado modelo fabril. O próprio sistema educativo, na sua configuração normativa, advoga uma gestão flexível do currículo e apela para outras formas e ambientes de promoção das aprendizagens.

Os interesses primeiros da escola têm de ser as aprendizagens de todos os alunos e, como tal, precisamos de convocar os professores para este processo de inovação radical, democraticamente debatido e deliberado.

Esta reflexão tem já alguns anos, mas tornou-se premente com a pandemia, o ensino remoto de emergência e o vaivém entre a escola e o domicílio. Tem-se insistido que este terramoto criado pela pandemia deveria ser uma oportunidade para mudar registos e organizações de ensino, conciliar ensino a distância com ensino presencial, e modos de fazer aprender, passando de uma pedagogia da exposição e do tédio para uma pedagogia da pesquisa, do desafio, da produção e da implicação.

Deste modo, partilho, aqui, sucintamente e de forma não exaustiva, algumas ações imprescindíveis à mudança de paradigma, num contexto pós-pandémico.

1. Eliminar, progressivamente, as desigualdades no acesso a equipamentos e tecnologias digitais é a ação mais óbvia (e mais fácil). É imprescindível dotar todas as escolas de equipamentos e de redes de internet poderosas que permitam um largo e rápido volume de dados. Mas também as famílias e o próprio país.
2. Conjuguar o ensino online com o ensino presencial, gerando novas e plurais dinâmicas de aprendizagem. Precisamos de reinventar os modelos de escolarização e de aprendizagem e acabar com a dicotomia de pensamento binário "preto-branco", "ensino online-ensino presencial". Os alunos podem aprender em múltiplos espaços, em diferentes grupos, presencial ou remotamente. A aprendizagem deve ser muito mais flexível e colaborativa.
3. Avaliar, sistematicamente, o que os alunos precisam de aprender e indicar os caminhos das possibilidades é uma das dimensões mais relevantes da ação educativa. Importa ensinar o que está no currículo prescrito, mas, sobretudo, ensinar o que é necessário para viver e intervir no mundo, ensinando para além do currículo. É, também, fundamental avaliar o que os alunos estão a aprender, adequar essa avaliação a cada um e dar-lhe o feedback necessário para corrigir o erro. Tal implicará uma alteração dos instrumentos de avaliação, eliminando reduzindo os testes escritos e utilizando outros instrumentos avaliativos, numa perspetiva formadora e formativa.
4. Garantir suportes presenciais e a distância para a aprendizagem social e emocional. Na escola, nos tempos pós-confinamento, precisamos de ativar muito os tempos de encontro

e de interação, de reforçar o trabalho em grupo e o trabalho em projetos comuns, fazendo com que alunos e professores trabalhem em qualquer lugar em torno de um tema/problema/projeto. Por isso, a gestão do currículo tem que se basear em aprendizagens ativas e desafiadoras. Os alunos têm de ser implicados em processos de deteção e análise de problemas. Têm de pesquisar, testar hipóteses, debater soluções possíveis, argumentar e colaborar. Esta será a chave para resolver a perda das aprendizagens.

5. Redesenhar a escola para relacionamentos mais fortes e saudáveis significa inovar e repensar a gestão dos espaços, dos tempos, do mobiliário, dos alunos e do currículo, evoluindo de um *menu único pronto a vestir* para menus de aprendizagens flexíveis, diversos, múltiplos e que respondam às necessidades dos alunos. Isto obriga a refundar a gramática tradicional e a adotar soluções para fazer aprender os alunos.
6. Enfatizar uma autêntica aprendizagem cultural e social, territorialmente implicada, que não se limite ao interior da escola, mas que envolva toda a comunidade, num projeto educativo local único. Reforçar os laços das escolas com as comunidades e praticar o conceito de "cidades educadoras", repensando a pedagogia da exposição e da passividade, é fundamental.
7. Envolver as famílias na escola, combatendo a sua ausência na vida escolar dos educandos, é um elemento importante para o sucesso dos discentes.
8. Providenciar um tempo de aprendizagem mais rico, flexível e, eventualmente, alargado, de acordo com as necessidades (diversas) dos alunos porque estes não aprendem todos aos mesmo ritmo as diferentes matérias. É por isso uma aberração fabril que todos tenham o mesmo tempo a tudo. É crucial abraçar o desafio da personalização das respostas que devem ser intencionais no sentido de ensinar a todos e fazer com que todos aprendam. A justiça e a igualdade de oportunidades têm, obrigatoriamente, de se conseguir através de uma diversidade de soluções espaciais, temporais e acionais.
9. Abandonar modos solitários, individuais, segmentados e disciplinarizados da ação docente, incentivando-os a reinventar as suas práticas no sentido de uma maior reflexão, colaboração, interdisciplinaridade, integração e diversidade de respostas. Mas, para que tal aconteça, é necessário que exista uma interiorização, aceitação e apropriação de uma mudança por parte das equipas educativas. O envolvimento dos docentes na explicitação de cenários de inovação, investigação e desenvolvimento, a sua construção e implementação devem ser práticas recorrentes.
10. Promover um financiamento da escola mais adequado e equitativo, gerando mais coesão e justiça social.

Mudar a *gramática escolar*, isto é, as regras básicas de organização e desenvolvimento curricular, agrupamento de alunos, gestão do tempo e do espaço, modalidades de aprendizagem e modos de docência e discência é uma condição essencial para cumprir as promessas da

escola. Para que tal seja uma realidade, existem variáveis-chave que têm que ser trabalhadas, articuladamente, para que outra gramática possa emergir.

José Matias Alves

Universidade Católica Portuguesa

https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/DESAFIOS_35_VF.pdf
https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/DESAFIOS%2034_mar%C3%A7o%2021.pdf
https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/%20EBOOK_mar%C3%A7o%2021_VF_.pdf
[https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Livro_Ensino_Remoto_de_Emerge%CC%82ncia_VF_mar21\(1\).pdf](https://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/SAME/Livro_Ensino_Remoto_de_Emerge%CC%82ncia_VF_mar21(1).pdf)